

POR UMA DERIVAÇÃO SINTÁTICA DAS CONSTRUÇÕES BITRANSITIVAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Guilherme Lourenço (UFMG)¹

1. Introdução

As análises sintáticas das línguas de sinais vêm reiteradamente mostrando que essas línguas, apesar das diferenças de modalidade, são fruto da mesma faculdade de linguagem humana que deriva as línguas orais. Nesse sentido, as mesmas propriedades universais que regem as línguas orais aplicam-se às línguas de sinais e, conseqüentemente, os mesmos aparatos teóricos tradicionalmente utilizados na descrição e na análise dos dados provenientes de línguas vocais podem (e devem), respeitadas as especificidades da modalidade, ser aplicados no estudo das línguas sinalizadas.

Sob essa perspectiva, destaco aqui os estudos em sintaxe formal, que têm, desde a década de 1970, demonstrado que as mesmas propriedades derivacionais e operações sintáticas são comuns às línguas orais e sinalizadas (FISCHER 1975; FRIEDMAN 1976, QUADROS, 1999; NEIDLE et al 2000; LOURENÇO, 2014).

A partir desse entendimento, o presente trabalho objetiva discutir as orações bitransitivas encontradas na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e oferecer um tratamento sintático para essas construções. Para isso, adotarei pressupostos teóricos da Gramática Gerativa, (CHOMSKY, 1999; PYLKKÄNEN, 2008; MCGINNIS, 2001) e também do trabalho tipológico desenvolvido por Malchukov, Haspelmath e Comrie (2010).

O presente texto está organizado da seguinte maneira: a Seção 2 destina-se à apresentação dos dados, enquanto a Seção 3 contém o desenvolvimento da análise sintática. Algumas considerações finais são fornecidas na Seção 4.

2. Apresentação dos dados

Os dados levantados sobre construções bitransitivas em Libras parecem indicar que a língua possui apenas construções bitransitivas que introduzem um objeto do tipo recipiente ou

¹ Professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorando e Mestre em Língua Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin/UFMG). E-mail: <guilhermelourenco@ufmg.br>.

alvo com verbos de transferência e movimento. É necessário observar ainda que nessas construções o verbo concorda sempre com o objeto tema e nunca com o objeto alvo. Os exemplos a seguir ilustram esse tipo de construção:

- 1) IX₁ DAR_a IX_a ALUNO LIVRO
'Eu dei o livro para o aluno.'
- 2) IX_a JOGAR₁ IX₁ PROBLEMA
'Ele/ela jogou o problema para mim.'
- 3) MARIA_a ENSINAR_b IX_b FILHO MATEMÁTICA
'Maria ensinou matemática ao filho.'

Construções com verbos de criação que introduzem um recipiente/beneficiário não podem ser produzidas apenas com a introdução de um segundo objeto na sentença. Em Libras, essas construções geralmente são realizadas por meio de um período composto em que há a introdução de um verbo de transferência (LOURENÇO, SILVA e COSTA, 2013):

- 4) a. *IX₁ COZINHAR MACARRÃO FILHO
b. IX₁ COZINHAR MACARRÃO PRO₁ DAR_a FILHO_a
'Eu cozinhei macarrão para o meu filho.'
- 5) a. *MARIA_a CARTA ESCREVER PROFESSOR_b
b. MARIA_a CARTA ESCREVER ENTREGAR_b PROFESSOR_b²
'Maria escreveu uma carta para o professor.'

Há ainda um tipo de construção em Libras que tem sido analisada como bitransitiva (QUADROS e QUER, 2010), mas que, na realidade, possui uma estrutura posse-possuidor. São as sentenças que possuem uma semântica de transferência de posse e introduzem uma fonte, como, por exemplo, os verbos ROUBAR e PEGAR ilustrados abaixo:

- 6) IX₁ ROUBAR IX_a CANETA_a
'Eu roubei a caneta dela/dele.'

² Vale observar que o exemplo dado em (5) apresenta a ordem [S O_{TEMA} V O_{ALVO}]. O objeto tema precede o verbo nessa construção pelo fato de que o verbo ESCREVER ser um verbo manual. Verbos manuais favorecem a ocorrência da ordem S O V em Libras (Lourenço e Silva, 2015).

- 7) MARIA PEGAR MÃE LIVRO
 ‘Maria pegou o livro da mãe.’

Contudo, essas construções não são verdadeiras orações bitransitivas. Na verdade, o que se tem é um único objeto que possui uma estrutura posse-possuidor. Uma evidência a favor da análise de posse-possuidor é obtida quando topicalizamos o objeto da sentença³.

- 8) a. IX₁ ROUBAR_a [IX_a CANETA_a]
 _____ls
 b. [IX_a CANETA_a] IX₁ ROUBAR_a
- 9) a. MARIA PEGAR_b [MÃE LIVRO_b]
 _____ls
 b. [MÃE LIVRO_b] MARIA PEGAR_b

Conforme mostram as sentenças acima, é possível topicalizarmos todo o objeto sintático, constituído pela posse e pelo possuidor. O mesmo não acontece com as construções verdadeiramente bitransitivas, em que apenas um dos objetos podem ser topicalizados (10b). Para que ambos os objetos possam ser topicalizados, estes devem se encontrar em sintagmas de tópico distintos, havendo assim uma nítida interrupção no marcador não-manual e uma pausa entre os objetos (10c).

- 10) a. IX₁ DAR_a IX_a ALUNO LIVRO
 _____ls
 b. *[IX_a ALUNO LIVRO] IX₁ DAR_a
- _____ls _____ls
 c. [IX_a ALUNO] [IX_b LIVRO_b] IX₁ DAR_a

Isso mostra que, no caso dos verbos ROUBAR e PEGAR, não há dois objetos sintáticos distintos, mas sim um único objeto complexo que possui em sua estrutura interna uma relação de posse-possuidor.

³ Topicalizações em Libras são marcadas pelo levantamento das sobrelinhas (___ls). Essa expressão não-manual possui escopo apenas sobre o elemento topicalizado, apresentando assim *onset* e *offset* bem definidos (Quadros, 1999).

Tem-se, portanto, que as únicas construções verdadeiramente bitransitivas encontradas em Libras, até o momento, são as construções que possuem uma semântica de transferência de posse e introduzem um objeto alvo e um objeto tema.

Outro aspecto importante a ser discutido sobre as construções bitransitivas é a ordem das palavras na frase. A ordem básica dessas construções é $S - V - O_{ALVO} - O_{TEMA}$, conforme mostram os exemplos repetidos abaixo:

11) $IX_1 \text{ DAR}_a \text{ IX}_a \text{ ALUNO LIVRO}$
 ‘Eu dei o livro para o aluno.’

12) $IX_a \text{ JOGAR}_1 \text{ IX}_1 \text{ PROBLEMA}$
 ‘Ele/ela jogou o problema para mim.’

13) $MARIA_a \text{ ENSINAR}_b \text{ IX}_b \text{ FILHO MATEMÁTICA}$
 ‘Maria ensinou matemática ao filho.’

É preciso chamar atenção ainda ao fato de que o argumento alvo não é introduzido por preposições⁴. Por esse motivo, as construções bitransitivas em Libras podem ser analisadas como sendo construções de objeto duplo. O conceito de objeto duplo será melhor discutido na próxima seção.

Além da ordem básica $S-V-O_{ALVO}-O_{TEMA}$, outros ordenamentos são possíveis na língua; contudo, essas outras ordens apresentam restrições semânticas e/ou pragmáticas, conforme veremos a seguir.

A ordem $S-V-O_{TEMA}-O_{ALVO}$ é encontrada apenas em contextos de focalização do O_{ALVO} . Isso é exatamente o esperado, uma vez que em Libras o foco ocupa a posição final da sentença (QUADROS, 1999). Evidência adicional vem do fato de que quando o objeto alvo encontra-se em posição final da sentença o apontamento indexical (IX) aparece com movimento repetitivo, o que frequentemente está associado a uma interpretação contrastiva. Tem-se, portanto, um típico contexto de foco contrastivo do O_{ALVO} .

14) $IX_1 \text{ DAR}_a \text{ LIVRO IX}_{a++} \text{ ALUNO}$
 ‘Eu dei o livro para este aluno (não para aquele aluno).’

⁴ Libras possui pouquíssimas preposições, sendo que estas parecem ser exclusivamente preposições lexicais e não funcionais. Contudo, faz-se necessário um estudo mais detalhado sobre o assunto.

15) IX_a _aEMPRESTAR₁ CANETA IX₁₊₊

‘Ele/ela emprestou a caneta para mim (não para outra pessoa).’

Outra ordem encontrada na língua é a ordem S-O_{TEMA}-V-O_{ALVO}. Essa ordem também é prevista, uma vez que os verbos bitransitivos possuem concordância e verbos de concordância permitem o alçamento de objeto (*object shift*), conforme Quadros (1999). Assim, as sentenças a seguir são plenamente possíveis em Libras:

16) IX₁ PRESENTE DAR₂ IX₂

‘Eu dou um presente para você.’

17) IX_a CANETA AZUL _aEMPRESTAR₁

‘Ele/ela me emprestou a caneta azul.’

Uma questão interessante quanto ao alçamento de objeto em Libras é que este parece estar associado a uma leitura específica/definida do objeto; um típico contexto de alçamento de objeto, tal qual previsto por Diesing (1996). O par de sentenças a seguir ilustra essa distinção semântica:

18) PEDRO CONSERTAR CARRO

19) PEDRO CARRO CONSERTAR

A sentença em (18) é ambígua, uma vez que duas interpretações são possíveis: a primeira interpretação possível é de que Pedro consertou um carro específico; já a outra interpretação, que parece ser a preferida pelos Surdos consultados, é a de que Pedro é mecânico, de que a profissão dele é consertar carros. Em (19), a ambiguidade desaparece. A única interpretação possível é a de que Pedro consertou um carro específico. Portanto, o alçamento de objeto em Libras está associado a uma semântica de definitude/especificidade em Libras, de modo que nos exemplos (16) e (17) o O_{TEMA} terá sempre uma leitura definida/específica.

Chama a atenção, porém, o fato de não ser possível o alçamento do O_{ALVO}, já que esta operação resulta na agramaticalidade da sentença:

20) *IX₁ IX_a ALUNO DAR_a LIVRO MATEMÁTICA

21) *IX₁ MARIA_a EMPRESTAR_a CANETA.

Em suma, os dados arrolados acima indicam para as seguintes características das construções bitransitivas em Libras:

- i) as construções bitransitivas possuem uma semântica de transferência de posse e introduzem um objeto alvo e um objeto tema;
- ii) o verbo concorda sempre com o objeto alvo;
- iii) a ordem básica é S-V-O_{ALVO}-O_{TEMA};
- iv) a ordem S-V-O_{TEMA}-O_{ALVO} é obtida por meio da focalização do O_{ALVO};
- v) Mesmo em construções bitransitivas, é possível haver *alçamento do objeto* do O_{TEMA}, desde que este seja [+definido].
- vi) Não é possível haver alçamento de objeto do O_{ALVO}.

A partir da descrição dos dados, é possível agora propor uma derivação sintática para essas construções. A próxima seção é dedicada à análise sintática.

3. Derivando sintaticamente as construções bitransitivas em Libras

Para analisarmos as construções bitransitivas em Libras, é preciso primeiro identificarmos que tipo de construção é essa e quais suas características.

O primeiro fato importante é o de que a Libras parece possuir uma classe fechada de verbos bitransitivos, de acordo com a definição de Malchukov et al (2010), uma vez que não há nenhum mecanismo sintático que produtivamente gera construções bitransitivas na língua, como, por exemplo, um caso dativo ou um morfema aplicativo. Assim, são poucos os verbos em Libras que são verdadeiramente bitransitivos. Os autores afirmam ainda que

“é surpreendente que quando uma língua possui uma classe fechada de verbos bitransitivos, os mesmos lexemas tendem a ser recorrentes nessa classe, em língua após língua, mais frequentemente verbos como 'dar', 'mostrar', 'ensinar' e às vezes também 'dizer', 'enviar', e 'pedir'. Outros verbos são menos prováveis de ocorrerem, e caso eles ocorram em construções bitransitivas, o mesmo será verdade para os

bitransitivos mais canônicos, mencionados acima.” (MALCHUKOV et al., 2010, p. 50).⁵

É bastante interessante que todos os verbos canonicamente bitransitivos previstos pelos autores realmente são bitransitivos em Libras, corroborando para a afirmação de que estes constituem uma classe fechada na língua.

O próximo passo é identificarmos qual tipo de construção bitransitiva é essa encontrada na língua. Para isso, é preciso observar qual o alinhamento dos argumentos na estrutura. Em outras palavras, como os argumentos do verbo são marcados morfologicamente.

O primeiro tipo de alinhamento encontrado na literatura, segundo Malchukov et al (2010), é o alinhamento indiretivo. Nesse tipo de alinhamento o objeto recipiente/alvo é marcado diferentemente dos demais argumentos da sentença, podendo receber uma preposição/posposição ou ainda um caso específico. É o que ocorre no português e no alemão, respectivamente, como mostram os exemplos a seguir:

22) *Português brasileiro – argumento marcado com preposição*

João deu o livro **para a Maria**.

23) *Alemão – argumento marcado com caso dativo* (MALCHUKOV et al., 2010, p. 3)

Ich gab dem Kind den Apfel.

1sg.NOM dar.PST Det.DAT criança Det.ACC maçã

Eu dei a maçã para a criança

O segundo tipo de alinhamento é chamado de alinhamento secundativo, em que o objeto tema é marcado diferentemente dos demais argumentos da sentença. Esse tipo de construção também é chamado de construção de objeto primário e um exemplo é encontrado no Groenlandês do Oeste, em que o objeto tema é marcado com o caso instrumental:

24) *(Uma) Niisi aningaasa-nik tuni-vaa.* (MALCHUKOV et al., 2010, p. 4)

(Det.ERG) Nisi dinheiro-INSTR.PL dar-IND.3SG→3SG

‘Ele deu o dinheiro para Nisi.’

⁵ No original: “It is striking that when a language has a closed class of ditransitive verbs, the same lexemes tend to recur in this class in language after language, most frequently verbs like ‘give’, ‘show’, ‘teach’, sometimes also ‘tell’, ‘send’, and ‘ask’. Other verbs are less likely to do so, and if they do participate in the ditransitive construction, the same would be true of more canonical ditransitives, mentioned above”.

Nenhum desses dois alinhamentos corresponde ao alinhamento encontrado em Libras, uma vez que nem o O_{ALVO} e nem o O_{TEMA} recebem alguma marcação morfológica específica.

O terceiro alinhamento é chamado de alinhamento neutro e corresponde às construções em que nenhum dos dois objetos recebe uma marca morfológica específica. Esse tipo de construção também é chamado de construção de objeto duplo e exemplos são encontrados no inglês e na língua Daagare, falada pelo povo Dagaaba de Gana e Burkina Faso:

25) *Mary gave John the book.*
‘Maria deu o livro para João.’

26) *O ko ma la a gane.* (MALCHUKOV et al., 2010, p. 4)
Ele dar.PERF me FACTUAL DEF livro
‘Ele me deu o livro.’

Este é exatamente o alinhamento encontrado em Libras, uma vez que não há nenhuma marca morfológica que diferencia o objeto alvo do objeto tema em construções bitransitivas. Por esse motivo, podemos analisar essas construções como sendo **construções de objeto duplo**.

Pylkkänen (2008) propõe que nas construções com objeto duplo há a projeção de um singatma aplicativo (AppIP) responsável por introduzir o argumento recipiente/alvo. Contudo, há dois tipos diferentes de núcleos aplicativos: Aplicativo Alto e Aplicativo Baixo. No caso dos aplicativos altos, o núcleo de AppIP denota uma relação temática entre um indivíduo e um evento. Já nos aplicativos baixos, a relação é entre dois indivíduos. Essa distinção semântica é ilustrada pelos exemplos do inglês a seguir:

27) Aplicativo alto: relação entre um evento (cozinhar o bolo) e um indivíduo (João).

Mary cooked John a cake.

Mary cozinhou um bolo para João.

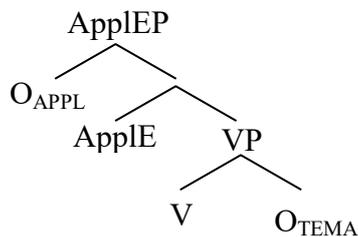
28) Aplicativo baixo: relação entre dois indivíduos, implicando transferência de posse.

Mary gave John the ball.

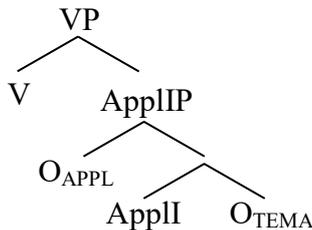
Mary deu a bola para João.

McGinnis (2001), a partir da diferença semântica entre esses dois tipos de aplicativos, passa a chamar o Aplicativo Alto de Aplicativo de Evento (AppIE) e o Aplicativo Baixo de Aplicativo de Indivíduo (AppII). A diferença entre esses dois tipos de núcleo aplicativo não é apenas semântica, mas também estrutural. O AppIE encontra-se externo à projeção que contém o verbo (evento) e o objeto tema. Já o AppII é juntado internamente à projeção que contém o objeto tema. A estrutura sintática é dada a seguir:

29) Estrutura sintática com AppIE:



30) Estrutura sintática com AppII:



A relação semântica presente nas construções de objeto duplo da Libras é claramente uma relação entre dois indivíduos e, por isso, a estrutura sintática deve conter a projeção ApplIP. Tal afirmativa é confirmada quando olhamos a definição dada por Pylkkänen para a interpretação semântica proveniente do núcleo AppII: “uma relação de transferência de posse entre dois indivíduos, afirmando que o objeto direto [O_{TEMA}] passa para a posse do objeto indireto [O_{ALVO}]” (PYLKKÄNEN, 2008, p. 8)⁶.

McGinnis (2001) adiciona ainda uma outra distinção entre Aplicativo-E e Aplicativo-I: apenas o núcleo de AppIE constitui o núcleo de uma fase⁷. Isso acarreta várias

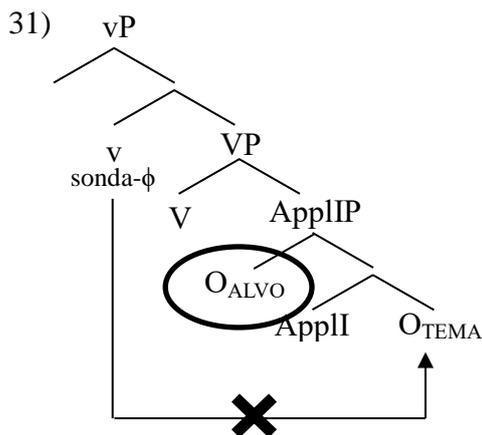
⁶ No original: “*Transfer-of-possession relation between two individuals: asserts that the direct object is to the possession of the indirect object*”.

⁷ O modelo de fases (CHOMSKY, 1999) prevê que as derivações sintáticas são enviadas para as interfaces para serem interpretadas em PF e em LF em blocos incrementais chamados de fases. Uma vez que uma fase é

consequências e também previsões para a estrutura sintática dessas construções. Por limitações de espaço, focarei aqui apenas na derivação sintática das construções com ApplI, que é o tipo encontrado na Libras.

Dentre as consequências da aplicação do modelo de fases à estrutura dos aplicativos, proposta por McGinnis (2001), seleciono duas para analisarmos os dados da Libras, a saber: concordância com o objeto e movimento QU-.

McGinnis (2001) afirma que nas construções com ApplI, apenas o objeto mais alto pode estabelecer concordância de objeto com o verbo. Em outras palavras, o verbo estabelece concordância apenas com o O_{ALVO} . Isso se dá, uma vez que ambos os objetos encontram-se na mesma fase e, conseqüentemente, no mesmo domínio de checagem da sonda- ϕ presente no núcleo de vP. Por uma questão de localidade, o O_{ALVO} funciona como categoria interveniente, não permitindo que o O_{TEMA} entre em uma relação Agree com a sonda- ϕ de v^0 , conforme mostra a representação abaixo, adaptada de McGinnis (2001, p. 10):



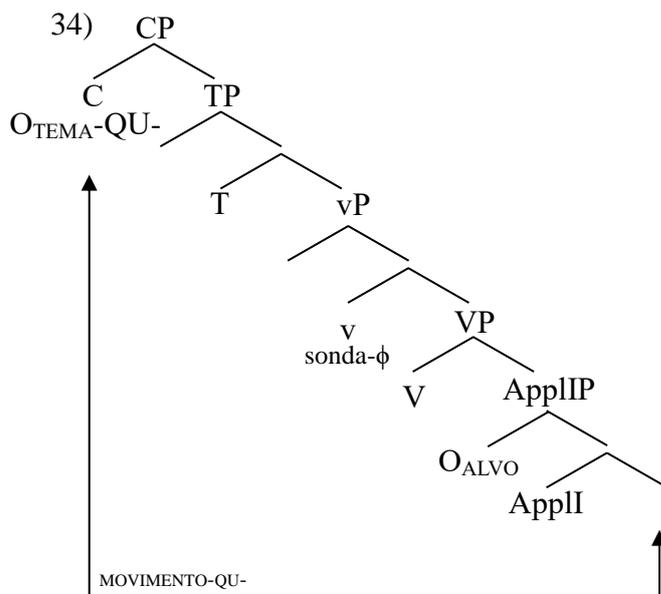
Essa previsão realmente se confirma em Libras, conforme mostram os dados apresentados na seção anterior: a concordância de objeto do verbo ocorre apenas com o O_{ALVO} , nunca com o O_{TEMA} . Os pares de exemplos a seguir mostram que a concordância do verbo com o O_{TEMA} é sempre agramatical em Libras:

- 32) a. IX₁ PEDIR_a MARIA_a BOLA
 b. *IX₁ PEDIR_b MARIA BOLA_b

completada, esta é enviada para Spell-Out e o seu domínio não mais se encontra disponíveis para posteriores operações sintáticas.

- 33) a. IX₁ DAR_a IX_a ALUNO PRESENTE
 b. *IX₁ DAR_b IX_a ALUNO PRESENTE_b

A segunda predição relevante para os dados da Libras é sobre movimento QU-. De acordo com McGinnis (2001) em línguas que possuem apenas aplicativo de indivíduo (AppII), o objeto mais baixo, ou seja o O_{TEMA} pode sofrer movimento QU- e saltar o objeto mais alto (O_{ALVO}). Isso se dá, segundo a autora, uma vez que o objeto mais alto é um DP e não um sintagma QU-. Por esse motivo, ele bloqueia que o objeto mais baixo sofra um movimento-A, mas não um movimento-QU- (movimento-A'). A estrutura arbórea adaptada de McGinnis (2001, p. 14) é fornecida a seguir:



Os dados a seguir⁸ confirmam que em Libras é possível haver o alçamento do elemento-QU para a posição inicial da sentença, mesmo quando este ocupa a posição de O_{TEMA}, confirmando a predição feita pelo modelo de McGinnis (2001):

- 35) O-QUE IX₂ DAR_a FILHO_a _____ ?
 ‘O que você deu para (seu) filho?’

⁸ As expressões não-manuais foram omitidas nos exemplos fornecidos de interrogativas por não serem relevantes para a análise desenvolvida aqui.

36) O-QUE IX_a ALUNO _aEMPRESTAR₁ _____ ?
 ↑
 ‘O que o aluno me emprestou?’

A partir da análise sintática apresenta neste texto, é possível afirmar que em Libras há a seleção de apenas um tipo de núcleo aplicativo, a saber: o Aplicativo de Indivíduo (AppII). Adicionalmente, os dados dessa língua corroboram e servem de evidência adicional para a proposta de McGinnis (2001) de relacionar os núcleos aplicativos de Pytkänen (2008) com o modelo de fases de Chomsky (1999).

4. Considerações Finais

O presente trabalho ocupou-se de fornecer uma descrição inicial das construções bitransitivas em Língua Brasileira de Sinais e de desenvolver uma análise sintática para as mesmas, utilizando-se de propostas teóricas da Sintaxe Gerativa. Esta é, portanto, uma primeira tentativa de se fornecer uma análise sintática para essas construções da Libras. Há ainda várias outras propriedades das orações bitransitivas em Libras que precisam ser discutidas mais cuidadosamente, como, por exemplo, o sistema de atribuição de Caso para os objetos da sentença. Contudo, espero que a análise fornecida aqui possa fomentar os estudos não somente das orações bitransitivas, mas também as investigações, de maneira geral, sobre a sintaxe da Libras.

5. Referências

- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics 18*. Cambridge, Mass.: MIT, 1999.
- FISCHER, S. D. Influences on Word Order Change in ASL. In: Li, Charles (ed.), *Word Order and Word Order Change*. Austin: University of Texas Press, 1975, p. 1-25
- FRIEDMAN, L. A. Subject, Object, and Topic in American Sign Language. In: Li, Charles (ed.), *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976, p. 125-148.
- LOURENÇO, G. *Concordância, Caso e Ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma Proposta Minimalista*. 2014. 161 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

- LOURENÇO, G.; SILVA, G. M. Verbos manuais em Libras: uma análise sob a perspectiva da incorporação. In: *Anais do IX Congresso Internacional da Abralín, 2015*. v. 3. p. 1716-1727.
- LOURENÇO, G.; SILVA, G. M.; COSTA, J. M. O processamento de bitransitivas do português brasileiro por surdos usuários da Libras. Manuscrito não publicado, 2013.
- MALCHUKOV, A.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. Ditransitive constructions: A typological overview. In: MALCHUKOV, A.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. (eds.), *Studies in Ditransitive Constructions*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010, p. 1-64.
- MCGINNIS, M. Phases and the syntax of applicatives. In: KIM, M.; STRAUSS, U. (eds.), *NELS 31*, 333–349. Amherst: University of Massachusetts, GLSA, 2001.
- NEIDLE, C.; KEGL, J.; MACLAUGHLIN, D.; BAHAN, B.; LEE, R. G. *The Syntax of American Sign Language: Functional Categories and Hierarchical Structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2008.
- QUADROS, R. M. *Phrase structure of Brazilian sign language*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999.
- QUADROS, R. M.; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: Salles, H.; Naves, R. (orgs.) *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de Português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial. 2010.
- QUADROS, R. M.; QUER, J. Back to back(wards) and moving on: On agreement, auxiliaries and verb classes in sign languages. In: Quadros, R.M. de (ed.), *Sign languages: spinning and unraveling the past, present, and future. Fortyfive papers and three posters from TISLR 9, Florianopolis, Brazil, December 2006*. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2008.